

Mulheres Negras e Cabelos Trançados: figuras de resistência.

Tanimara Elias Santos*

Resumo

Este trabalho analisa alguns dos elementos que constroem a definição do que é o belo em mulheres negras, focaliza o cabelo crespo, as formas de tratar o cabelo crespo e as tranças com aplique. Também tem em seu corpo descrições sobre a situação da mulher negra no país. Finaliza com comentários sobre os conceitos de estética e feminilidade.

Palavras-chave: Mulher negra. Identidade. Cabelo crespo.

* Estudante de graduação em antropologia do 6º semestre da Universidade de Brasília – UnB.
Bolsista de iniciação científica do programa Brasil Afroatitude.
E-mail: tani_santos@yahoo.com.br

1 Detalhamento da aproximação com o campo e metodologia utilizada.

O meu interesse nas temáticas racial e de gênero surge por conta do senso de responsabilidade que desenvolvi para com aqueles que construíram a possibilidade de programas de ação afirmativa dentro das universidades e pelo meu histórico pessoal de proximidade com os campos de discussões de gênero e raça, sendo mulher negra jovem, tive a oportunidade de participar do primeiro programa de ações afirmativas implementado por uma universidade pública federal. Meus trabalhos de conclusão de matérias, e o provável tema do meu trabalho de conclusão do curso, têm tido relação direta com pesquisas sobre agrupamentos urbanos e população negra sendo todos desenvolvidos com pequenos recortes de gênero.

Perpassa toda minha construção do campo de observação antropológica a argumentação de que o racismo se manifesta através das ações discriminatórias contra pessoas de determinados grupos raciais, fundando-se em uma suposta superioridade racial de um grupo sobre outro e também na crença de que alguns grupos possuem defeitos morais e intelectuais próprios, apresentada por Luciana Jaccoud e Nathalie Beghin¹, assim como a indicação feita por Rosana Heringer² de que “a trajetória de mulheres indígenas e negras na história brasileira é pontuada por episódios de violência, exploração sexual e impossibilidade de plena autonomia sobre suas vidas”, no que diz respeito às formas pelas quais enxergo a situação das mulheres racialmente marcadas no país dentro da pesquisa.

A escolha do tema estética como ponto específico dentro da temática racial veio a partir de conversas com meus grupos de convivência, percebi que uma coisa comum às mulheres negras e que sempre virava tema das nossas discussões eram os cabelos; outro ponto em comum era o fato de que boa parte delas trançava os cabelos, assim como eu. Como boa parte das minhas amigas negras estava inserida em um contexto de forte pertencimento e auto-identificação racial, o ato de trançar os cabelos era extremamente significativo. Tendo os cabelos trançados, essas mulheres negras que tinham o cabelo parcialmente ou totalmente modificado por processos químicos adquiriam um status de “mais negôna” do que outras que deixavam seus cabelos relaxados ou alisados à mostra. Também era freqüente a fala de que as tranças compridas as deixavam com mais cara de “mulherão”, que os namorados gostavam mais quando eram tranças compridas, que o assédio nas ruas era maior, que dava muito menos trabalho a manutenção do cabelo trançado.

A construção dos corpos negros femininos, a partir da fala das próprias mulheres negras foi o foco do meu interesse na busca por bibliografias que pudessem me auxiliar na construção de um objeto de pesquisa. Também me interessava especificamente a forma como as tranças eram vistas pelas pessoas que faziam parte do convívio das mulheres negras com quem conversei. A pergunta que tornei a pergunta-chave da pesquisa que desejava realizar nas investigações sobre cabelo crespo e corporeidade feminina foi: como o cabelo crespo poderia se encaixar no padrão estético desejado para um corpo feminino?

Em posse de um problema de pesquisa, comecei a me perguntar como seria a minha aproximação com o campo, já que não seria tão fácil encontrar mulheres com os cabelos trançados dispostas a serem entrevistadas sobre o tema. A partir disso resolvi que as entrevistas teriam como foco dois momentos da vida das minhas colaboradoras, o estado trançado e o estado de não-trançado; com essa separação tentei captar as diferenças de interpretação e de

¹ JACCOUD, BEGHIN(2002), p.38.

² HERINGUER (2006), p. 142.

autodefinição dos corpos negros quando estão camuflados num determinado padrão de feminilidade.

A utilização da análise de fragmentos de vida na coleta de dados foi trabalhada nesse texto a partir das prerrogativas apresentadas por Khoury³ sobre as narrativas dos sujeitos, dando à oralidade o caráter de um gênero de discurso que tem na palavra o elemento representante da consciência do sujeito, fundado na sua própria interpretação da dinâmica social. Utilizando essa definição, as falas registradas das mulheres negras entrevistadas puderam me fornecer os elementos comuns às suas formas de interpretação da realidade social na qual estão inseridas: a importância do ato de trançar para a formação de identidades de afirmação positiva das diferenças raciais e a feminilidade constantemente associada às tranças longas. As perguntas também procuraram evidenciar aspectos da formação educacional e política da entrevistada que poderiam ter influência sobre a sua própria construção de corporeidade.

Pensando criticamente o papel da antropologia dentro dos contextos de atuação de movimentos sociais, a partir de estímulos feitos nas aulas que cursava no departamento de Antropologia, me questionei sobre quem era o sujeito pesquisador de ciências sociais e como se dava a construção dos dados antropológicos. A percepção da antropologia como uma ciência que constrói dados a partir de uma distância em relação ao objeto tem relação direta com sua história de legitimação enquanto ciência dentro da academia. Essa distância é em larga escala interpretada como uma neutralidade em relação ao objeto, isso se dá em grande parte porque a antropologia produzida anteriormente era uma em que o pesquisador tinha contato com um nativo que era de uma região muito distante, seja geográfica ou culturalmente, que ao contrário de hoje, não estava inserido num processo de rápida absorção e generalização dos modos de produção.

Como aponta Stuart Hall⁴, as identidades de todo o mundo atravessam processos de deslocamento ocasionados pelas mudanças das estruturas e dos processos centrais das sociedades. Esse processo de deslocamento das identidades acaba por gerar a necessidade de novas formas de analisar e reificar as mesmas, como exemplo o autor cita como as lutas pelos direitos humanos têm conflitos dentro dos seus quadros de ativistas porque a modernidade trouxe consigo uma gama maior de identidades que precisam ser incorporadas às esferas de reivindicação. Também a modernidade e as conquistas alcançadas por esses grupos de reivindicação trouxeram consigo a inserção de setores que não as elites que historicamente têm ocupado as cadeiras de produção do conhecimento científico, fazendo com que a academia assuma posturas epistêmicas diferenciadas de cientificidade. Ainda que a noção de estranhamento seja característica definidora dos trabalhos antropológicos, enquanto elemento que permite a percepção e interpretação daquilo que é tido como dado na realidade pesquisada, não se fala mais em ausência de construções sociais, ideológicas e morais no sujeito pesquisador porque se entende que a produção de conhecimentos sobre o sujeito a partir do próprio sujeito é possível se tomamos o conceito de conhecimento científico como um conceito não engessado em definições positivas de conhecimento neutro e superior a todas as outras formas de conhecimento. A partir disso, e pensando num dos métodos mais utilizados nos trabalhos de campo antropológico desde a experiência de Malinowsky⁵, a observação participante, construí o objeto a partir da minha própria experiência trançando os meus cabelos com apliques para deixá-los longos. Também me cerquei de instrumentos que pudessem caracterizar o meu problema de pesquisa como antropológico, buscando a definição

³ Khoury (2001), pg. 83.

⁴ HALL (2005).

⁵ MALINOWSKY (1976).

apresentada por Geertz⁶ de um objeto antropológico como observável a partir de três perspectivas antropológicas, a da localidade, a da universalidade e a da comparatividade dos problemas sociológicos/antropológicos. A primeira ótica seria a da interação, é a partir da interação que acredito a corporeidade, a estética e o pertencimento étnico são construídos. A segunda ótica seria a da universalidade, a tentativa de textualizar uma cultura como caráter antropológico de um determinado processo, para mim representado na tentativa de textualizar o processo da cultura de resistência que emerge a partir da necessidade de se adequar a padrões de feminilidade. E a terceira seria a ótica das distâncias sociais, no caso, a distância entre o cabelo crespo e o cabelo crespo trançado com aplique, ou a distância entre o cabelo crespo trançado com aplique e o cabelo liso comprido como elementos chave da minha pesquisa.

2 Historicidade da(s) identidade(s) da população negra no Brasil

O histórico da formação das identidades brasileiras⁷ é anterior a invasão do continente americano pela população da península ibérica. O Estado moderno, tal como interpretado hoje a partir de teorias sobre a política, como a apresentada por Luciano Gruppi⁸, passa a existir após a vinda da família real portuguesa para o Brasil, momento no qual o território adquiriu uma relativa autonomia, os detentores do poder se diferenciaram do que hoje chamamos de sociedade civil (a corte real que se diferencia tanto da plebe como dos seus representantes no Brasil, que perdem parte do poder que lhes tinha sido conferido para governar o território na ausência da Coroa) e o monarca foi identificado diretamente com o Estado. A identidade nacional brasileira em formação passa a incorporar então elementos que formaram a identidade nacional da sua metrópole, assim como também as formas de organizar as estruturas das relações com povos etnicamente diferenciados são herdadas. Como aponta Lélia Gonzalez⁹, é necessário ressaltar a importância da experiência em relações raciais da metrópole portuguesa para a formação das estruturas das relações inter-raciais na colônia. Essa experiência surge das guerras contra os mouros¹⁰, povos africanos islamizados do norte da África, pelo território da Península Ibérica. A autora coloca também que além da experiência nas relações raciais, o Brasil colônia herdou também as estruturas burocrática, administrativa e jurídica que eram altamente hierarquizadas nos seus territórios de origem; por serem altamente hierarquizadas, eram estruturas que previam lugares para as populações etnicamente diferenciadas, como os próprios mouros após a derrota nas lutas de reconquista e judeus, lugares fortemente controlados social e politicamente. A partir dessa incorporação, se instaurou uma estrutura hierárquica que incluía as categorias raciais da classificação social dos povos ibéricos, suas formas de organização social e suas formas de relações sociais.

A partir da colonização, o Brasil passou a contar com novos grupos constituintes de sua população, entre eles, o grupo dos africanos escravizados que também trouxeram consigo estruturas hierárquicas, administrativas, jurídicas e classificações sociais diferenciadas. Os

⁶ GEERTZ (1978).

⁷ “identidades” escrito no plural porque entendido como representante de mais do que grupos nacionalmente constituídos, mas representantes de várias categorias sociais construídas através de parâmetros como raça, gênero, classe, orientação sexual, etc.

⁸ GRUPPI (1980).

⁹ GONZALEZ (1988).

¹⁰ Mouros - expressão primeiramente usada pelo exército romano para denominar o grupo de africanos que invadiu em 50 a.C. a região que hoje compreende os países de Marrocos e Argélia foi usada também para definir povos africanos islamizados que detiveram durante alguns séculos o controle sobre a península ibérica.

avanços tecnológicos alcançados no continente africano, como as plantações com tecnologias avançadas para a época, a criação de gado, a metalurgia, o comércio, a escrita, as formas de manifestação artísticas e o urbanismo utilizado nos centros urbanos, forneceram mão-de-obra especializada para aqueles que compravam mão-de-obra escrava. Além disso, as formas de organização política, as distribuições territoriais e as diferentes formas de elaboração intelectual constituem heranças importantes no processo de incorporação da população africana escravizada à população do Estado em formação. Alguns autores trabalham com a idéia de que essa herança constitui caráter importante para a sobrevivência de elementos de ascendência africana na cultura ocidental contemporânea, como Elisa Nascimento¹¹ fala que a dimensão cultural da diáspora africana é importantíssima para o desenvolvimento das formas complexas de organização das sociedades multirraciais e pluriculturais das Américas.

No período pós-abolição, os negros tiveram seus então postos de trabalho ocupados por imigrantes europeus, e com isso não foram integrados à realidade econômica do país. O estímulo por parte do Estado brasileiro para que ao país chegassem cada vez mais trabalhadores brancos europeus, constitui para autores como Santos¹² a política oficial inicial de embranquecimento da população, que empurrava para as periferias das cidades a o grande número de pessoas negras recém-libertas e desempregadas.

Ao falar de movimentos de resistência a esses mecanismos oficiais de exclusão, o autor coloca a importância das organizações negras como “espaços de preservação e sociabilidade desses grupos”¹³ e também como espaços que lhe dessem maior visibilidade social; o autor sugere os exemplos da imprensa negra com os jornais Clarim da Alvorada, Alfinete e Menelik como pontos emblemáticos da história de resistência do negro no Brasil. Também ressalta a importância das escolas de samba para formação de espaços de sociabilidade e interação cultural, manifestações inicialmente reprimidas pelo Estado e posteriormente transformadas em agremiações que hoje são peças fundamentais no carnaval de alguma cidades do país.

Também é possível encontrar referências que falam de organizações negras que surgiram na época da ditadura militar no Brasil influenciadas pelo cenário de repressão política, pelas guerras de libertação dos países africanos e pela luta dos negros norte-americanos pelos direitos civis. A consolidação do MNU – Movimento Negro Unificado e do dia 20 de novembro como dia da Consciência Racial também são marcos importantes do histórico de formação de organizações negras políticas. Para essa pesquisa um dos marcos mais interessantes dessas movimentações é o conceito de *Black is Beautiful* ou da Beleza Negra. Esse conceito, trazido para cá a partir das lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos, trabalhava com a afirmação de valores afro-diaspóricos na identidade da população negra do seu país como forma de valorizar a sua auto-estima e estimular a organização política através do enaltecimento dos caracteres fenotípicos comuns a essa população. Denominações como cabelo afro, bata africana, black power que se referem a elementos da estética foram incorporadas ao vocabulário da população negra; os bailes “black”, os salões-afros, e os desfiles para a escolha dos mais belos negros e negras dentro das comunidades negras do país foram parte desse movimento. É possível perceber como esse foi um movimento que privilegiou, pelo menos dentro das comunidades negras, a estética reconhecidamente de ascendência negra, colocando essa estética que reflete as origens diaspóricas como um dos principais instrumentos na agenda dos movimentos de resistência à exclusão da população negra. Percebemos que esse movimento de valorização da estética de

¹¹ NASCIMENTO (2006), p.45.

¹² SANTOS (2006), p.157.

¹³ Idem(2006), p.158.

ascendência africana marcou profundamente a sociedade brasileira, mais especificamente a população negra, pois ainda encontramos lugares em que os salões-afros, os desfiles de beleza negra e os bailes black existem e são predominantemente organizados por pessoas negras e tem seu público formado por pessoas negras, formando espaços de sociabilidade para a população negra.

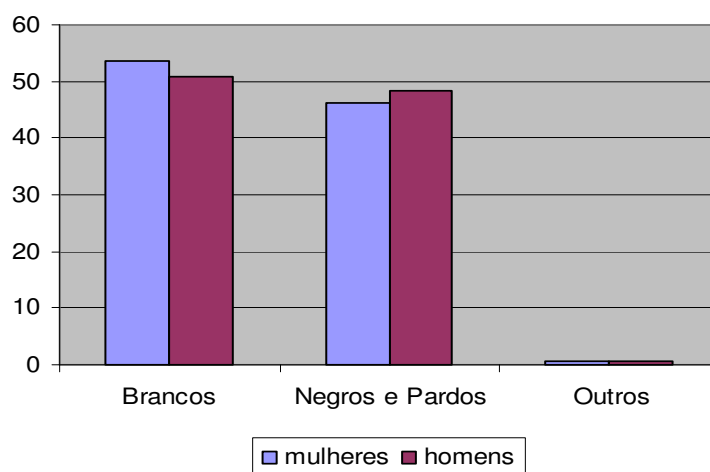
3 Lugares em que se encontram os negros e negras no Brasil

Os estudos sobre a população realizados nacionalmente registram as posições ocupadas pela população negra e, em especial, pelas mulheres negras apresentando dados que colocam a importância de se pensar nas especificidades de gênero e de raça das exclusões sociais.

Na contagem da população a diferença de quantidade entre homens e mulheres e brancos e negros é relativamente pequena.

Gráfico 1

Composição da população segundo cor e raça, Brasil – 2003. (em %)



Fonte: Retrato das Desigualdades, 2ª Edição. Programa de Igualdade de Gênero e Raça. UNIFEM - IPEA, 2006.

Mas quando pegamos os dados referentes ao índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e do Índice de Desenvolvimento Humano ajustado ao Gênero¹⁴, percebemos que as diferenças raciais e de gênero são marcadas pela desigualdade no acesso aos recursos que são utilizados como indicadores do IDH, a saber, indicador de longevidade, indicador educacional e indicador de rendimento.

¹⁴ O Índice de Desenvolvimento Humano ajustado a Gênero trabalha com os mesmo indicadores do IDH e utiliza o recorte de gênero para conferir as diferenças entre mulheres e homens dentro dessa análise.

Tabela 1

Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil da população total, da população negra e da população branca

	Posição no Ranking (175países)
IDH Brasil	65 ^a
IDH Negras/os	107 ^a
IDH Brancas/os	46 ^a

Fonte: SEGATO, Rita Laura. Mulher Negra = Sujeito de direitos e as convenções para a eliminação da discriminação, 2006.

Tabela 2

Índice de Desenvolvimento Humano ajustado a Gênero (IDG) do Brasil da população total, da população negra e da população branca

	Posição no Ranking (175países)
IDG Brasil	67 ^a
IDG Negras/os	91 ^a
IDG Brancas/os	48 ^a

Fonte: Idem, 2006.

Também ao trabalharmos com os indicadores de média de renda trabalhados na publicação Retrato das Desigualdades, percebemos o desigual acesso a recursos e ao mercado de trabalho.

Tabela 3

Média de renda da ocupação principal por cor ou raça, Brasil – 2003

Homens brancos	R\$931,10
Mulheres brancas	R\$554,60
Homens negros	R\$428,30
Mulheres negras	R\$279,70

Fonte: Retrato das Desigualdades, 2ª Edição. Programa de Igualdade de Gênero e Raça. UNIFEM - IPEA, 2006.

A análise desses e de outros dados produzidos a partir de coletas nacionais de informações sobre a situação da população do país permitem afirmações como a da autora Segato¹⁵ de que as diferenças entre homens, mulheres e negros e brancos são percebidas quando na observação dos indicadores de “acesso à educação, saúde, qualidade de vida, inserção no mercado de trabalho, acesso à informação, à justiça e à cidadania”. Ou seja, as diferenças entre esses grupos existem em quase todas as esferas da sociedade. Essas desigualdades podem ser explicadas através da articulação de vários fatores, como descreve Segato¹⁶, elas são resultado de uma série de “processos associativos automatizados por uma história que vem reproduzindo o lugar da mulher e do negro na sociedade. Não vemos a posição social propriamente dita da pessoa, mas os signos da mesma, e cor e gênero são, precisamente, seus signos mais conspícuos e indelévels que fixam as pessoas na posição social”.

¹⁵ SEGATO (2006), p. 30.

¹⁶ Idem, p. 17.

3 Corporeidade negra e estética da mulher negra.

A estética, palavra de origem grega, tem registros de inicialmente ter sido utilizada para definir o estudo da natureza do belo e da arte, como um ramo da filosofia. Em definições elaboradas por filósofos, o que é o belo é alterado pela percepção do sujeito que observa, assim como também o processo criativo é alterado pelo seu autor. Na Antigüidade européia, a estética era estudada juntamente com a lógica e a ética, pois os valores do belo, do verdadeiro e do bom estavam intimamente ligados, e durante o período da Idade Média foi ganhando território como um campo autônomo de estudos filosóficos.

As definições do “belo” de outros continentes, como trabalhado, por exemplo, por Raul Lody com as culturas nativas das Américas, apresentam outras formas de representação da beleza:

As diferentes tribos indígenas exercitavam suas culturas (muitas ainda o fazem hoje) no convívio com a natureza exuberante e com as tradições milenares da arte de representar seus entornos e de se representar, tendo no corpo o principal suporte de expressão e de comunicação.

Os cabelos negros e lisos dos índios e índias do Brasil, por exemplo, eram tratados com óleos vegetais e animais, destacando-se o emprego do urucum, que conferia a coloração avermelhada aos fios. Os penteados indígenas também revelavam os diversos papéis sociais desempenhados na ordem política e religiosa da tribo.

Os adornos de cabeça – feitos com fibras naturais trançadas, sementes, conchas, penas de aves – geralmente recebiam um sofisticado tratamento estético, resultando em peças plumárias que, aliadas às pinturas corporais e aos penteados, integravam, e ainda hoje integram, os modelos de beleza dos povos das florestas. (LODY. 2004, p. 18)

Assim como as formas de representação de beleza de países do continente africano também são outras categorias de “belo”:

No amplo imaginário africano, há abundância de objetos de madeira, ferro, latão, bronze, cobre, búzios, fibras naturais, cerdas animais e chifres acrescidos de pigmentos variados. A arte africana revela o homem, o mito, a natureza, relacionando e registrando seus entornos ecológico e cultural, interpretando e traduzindo seus significados, integrando temas sagrados e temas funcionais relacionados à agricultura, à caça à guerra e ainda determinando os papéis sociais masculino e feminino. (Idem. 2004, p. 60)

Como nas culturas nativas das Américas, as representações estéticas no continente africano são descritas por Lody como ligadas diretamente ao corpo do sujeito:

Na cultura africana há um diálogo estético permanente entre o objeto – escultura, máscara, instrumento musical – e o corpo da pessoa, fazendo do espaço antropomorfo o local preferencial de interação com as manifestações artísticas que estão muito além do ato exclusivo de apreciação, ou seja, do ato de experimentar, de viver e assim declarar identidade. (Idem. 2004, p. 65)

É possível também perceber que nas breves descrições dos elementos estéticos de diferentes culturas transcritas acima, existem materiais diversos que são utilizados para fabricação desses elementos, e que sua estrutura está diretamente ligada às formas que a própria cultura tem de organizar suas classificações sociais.

A cabeça, e por conseqüência os cabelos e os penteados, é apontada por Lody como “lugar mais sagrado do corpo em todos os povos e culturas do mundo”(Ibidem, p.14). A cabeça,

como espaço do corpo onde o sujeito também se manifesta artisticamente, mereceu atenção especial de várias culturas ao redor do mundo por ser uma das primeiras partes do corpo percebida no indivíduo e também por acumular os papéis simbólicos de sede das energias vital e espiritual do corpo. Os cabelos receberam também atenção especial ao longo da história, pois, em conjunto com o rosto, formavam um conjunto que definia a pessoa e a cultura a que pertencia. Os penteados foram (e são ainda hoje) elaborados a partir de tendências de moda que têm ligação direta com os acontecimentos históricos, com a ordem, a religiosidade e as organizações sociais e políticas de cada sociedade.

A imagem do corpo negro é associada a imagem de um corpo estranho à sociedade. Como aponta Nelson Inocêncio:

Na cultura visual brasileira, o corpo negro aparece como a antítese do que se imagina como normal. É um corpo cuja representação está associada ao que há de mais caricato, como se ele existisse justamente para demonstrar o contrário do humano. O corpo negro amedronta, porque a ele foi atribuída uma noção de força que se sobrepõe ao intelecto. Esse mesmo corpo provoca risos porque sua leitura está vinculada a comparações que o animalizam. (INOCÊNCIO, 2006, p.185).

A fala de uma das colaboradoras dessa pesquisa demonstra um pouco isso:

Assim, quanto mais escura era a pele do outro, mais eles ficavam sacaneando. Chamavam de tisiu, fumo de rolo, macaquinho e falando dos lábios, do nariz e do cabelo e todas essas coisas... (Ana Carolina)

A utilização de palavras que animalizam as pessoas negras é recorrente em brincadeiras que começam na infância e atravessam todas as fases geracionais. A partir da análise da língua falada como um instrumento de manutenção ou reordenação das estruturas da sociedade, é possível apontar essa forma específica de denominar os corpos negros como uma das formas de percepção das diferenças a partir da ótica de um outro que se tem como referencial ideal, uma ótica discriminatória através da qual a sociedade que segue padrões brancos de beleza observa os traços fenotípicos da população afrodescendente. Sobre o cabelo, Inocêncio escreve ainda:

O cabelo crespo, uma vez assumido, desperta uma série de reações que vão do riso à reprovação. No Brasil, é comum que uma pessoa diga para outra que vá domar os cabelos, ou vá dar um trato no pixaim, sem que isso represente ofensa ou deselegância. Parece que naturalizamos tanto esse tipo de entendimento que mesmo indivíduos alvos preferenciais dessa forma de agressão acabam em larga escala cedendo a tais apelos. (Idem, p. 187)

Sobre o tema do cabelo crespo como elemento estético que desperta reações negativas, tanto dos familiares como dos amigos, a seguir estão exemplos que foram dados nas entrevistas que demonstram como a relação que se estabelece com o cabelo crespo é conflituosa a partir do momento em que a mulher negra o utiliza ao natural e se relaciona com outras pessoas, o conceito da estética bela para esses corpos, especificamente para esses cabelos, é construída a partir das interações sociais:

*Confesso que ainda tive um certo receio de sair na rua, da reação das pessoas, será que ainda tem gente olhando pra mim, com esse cabelo desse jeito?** (Ana Carolina)

Eu tinha vergonha de ir ao salão porque eu me sentia diferente, ficava com vergonha porque eu era tímida, me sentia incomodada, me achando estranha e eu sempre queria alguma coisa para ficar parecida com os outros; não que eu achasse feio, mas as coisas têm a tendência de seguir um rumo; as pessoas quando começam a ir para um lugar as outras querem ir também. Foi a minha mãe que começou a passar química no meu cabelo. Eu tinha oito anos.(Rita)

As diferenças geracionais também produzem efeitos diferenciados quando estamos falando de formas de lidar com os cabelos crespos. As mulheres negras jovens utilizam a família como referencial na forma de lidar com os cabelos.

A gente sempre trançou o cabelo na minha casa. Desde criança. Acho que desde os quatro anos. Eu tenho fotos minhas ainda bebê e já com tranças. Escolher o penteado da trança acho que só com sete, oito anos a gente escolhia o penteado da trança um pouco. Mais solta, de um lado ou de outro, mas sempre de cabelo trançado. Até hoje minha família trança bastante o cabelo.(Angelita)

A minha irmã, N. Eu sempre via e não achava feio, não. Nunca achei feio, mas depois que eu vi nela, achei bonito mesmo, tanto que me interessei e coloquei. Só que eu fiquei só três meses usando trança.(Rita, sobre quando começou a pensar em colocar tranças longas)

Assim como a idade, o histórico das famílias nas quais as mulheres negras estão inseridas influenciam na forma como elas enxergam o cabelo. A opinião dos parentes, dos amigos sobre o cabelo crespo e sobre o cabelo crespo trançado tem uma forte influência sobre a auto-estima dessas mulheres. Como os processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança estão atrelados ao tipo de conhecimento repassado por aqueles os quais ela reconhece como autoridades, a menina negra ao encontrar na família o respaldo necessário para enxergar sua beleza como uma diferença aceitável, constrói outras formas de se relacionar com o cabelo crespo além daquelas que estão na esfera de um cabelo que precisa ser domado, tornado melhor.

Quando eu estava na sétima série, minha mãe inventou de alisar meu cabelo. Virou capacete. Eu passei a ser capacete na sala(...)

(...)Lá em casa escovinha era a regra. Minha mãe gastava horrores toda semana. Era ela, minha irmã e eu pra escovar os cabelos. Tinha que fazer. Aí quando eu entrei pra universidade, comecei a aprender outras coisas, outro mundo. Foi a mudança mesmo. Teve um processo. Comecei a fazer tiara, depois fiz trancinha nele todo e eu não agüentava. Meu cabelo era muito feio, as pontas quebradas. Eu fiquei uns oito meses só fazendo tiara, sem alisar o cabelo. Aí faltou grana e eu disse a minha mãe que ia fazer um rasta e ela disse que não, não. Ela não queira de jeito nenhum que eu fizesse. Ela dizia que ia feder, que ia mofar, que era feio. Minha vó, meu pai, ninguém queria... Eu fui e fiz. Foi a primeira vez que eu decidi o que fazer com meu cabelo. (Andressa)

Até uns sete anos, época que eu fiquei com minha vó, antes de passar uma temporada com meu pai, usava o cabelo grande, natural, bem crespinho. Minha vó fazia Chiquinha, ficava parecendo um urso, ou uma trancinha, ou partia o cabelo no meio e fazia duas tranças raiz, uma de cada lado.(...)

* O cabelo desse jeito a que se refere a colaboradora é o cabelo crespo ao natural e curto. O penteado que ela usava antes era o cabelo trançado longo com aplique.

(...)Eu tenho um tio que tem sim (envolvimento com movimento social). Ele se casou com uma mulher super ativista no movimento negro. Até um mês atrás ela tinha um salão afro lá no CONIC. Eles são bem ativistas, mas é só. O resto da minha família não tem essa identidade, não tem essa história assim. Tem muito aquela coisa de usar cabelo alisado, hené, nossa eu lembro de todo processo, pente quente, de bobbies, escova, esses produtos pra alisar cabelo... E eu nunca gostei dessa estética de cabelo alisado. Isso realmente é uma coisa que sempre me incomodou. Quando eu tava na adolescência que eu retirei o canekalon, foi a primeira vez que passei um produto no cabelo. Eu gostei porque não deixou liso, sabe? Mas com a história de ir retocando, retocando, o cabelo foi ficando mais liso e eu não gostava. Então eu criei uma concepção de que a minha opção era usar o cabelo trançado. (Ana Carolina)

O corpo e o cabelo da mulher negra são vistos a partir de óticas que retiram o seu caráter de humanidade. Segundo Caldwell¹⁷, o tipo de cabelo frequentemente se torna o significante primário de raça no Brasil, especialmente para as mulheres. A gradação nas texturas e a utilização dessa gradação como forma de categorizar os indivíduos em grupos raciais diferenciados são instrumentos utilizados por essas mulheres para ocupar espaços diferenciados nas hierarquias raciais da sociedade brasileira. Parte desse processo é descrita por Inocêncio:

A convivência dolorosa com um corpo, e particularmente com um cabelo, que nunca está em paz, obrigou as pessoas negras a desenvolverem mecanismo de defesa que não são necessariamente elaborados para resguardar identidade, mas para diminuir sofrimento. É relativamente fácil detectar aqui e ali o uso desses mecanismos, como, por exemplo, as maneiras de disfarçar o cabelo. Porém, equivocamo-nos, muitas vezes, ao acreditarmos que tais estratégias são decisões voluntárias, independente de tensões e limites que as pessoas atingidas vivam. Engana-se quem pensa que tais reações são causas e não efeitos de um processo extremamente complexo. (INOCÊNCIO, 2006, p. 187)

Os padrões sócio-culturais através dos quais os corpos negros femininos são interpretados partem de premissas de exotização, sexualização e infantilização desses corpos. Essas três premissas, que não atuam isoladamente e se interrelacionam constantemente dependendo das condições do ambiente em que a mulher negra estiver inserida, também fazem parte do repertório de mecanismos para diminuição do sofrimento da discriminação.

(...)eu acho que tem mais espaço, muitas mulheres usam cabelo curto e o cabelo crespo tá na moda, querendo ou não tem essa coisa do étnico, as pessoas colocam muito nesse sentido de valorização do étnico, do exótico. Sei que muita gente continua me achando bonita, não por achar a estética negra bonita, mas porque entra naquela coisa da beleza étnica. (Ana Carolina)

Outros argumentos também são utilizados para justificar o não uso do cabelo crespo ao natural, sendo uma das mais frequentes a praticidade que um processo químico proporciona à sua usuária:

Eu uso química no meu cabelo para diminuir o trabalho. Mas às vezes eu penso: será que eu me acostumei com isso para poder anular ou para me esconder, por vergonha ou por estar diminuindo o trabalho de alguma maneira? (Rita)

A utilização das tranças longas traz para o contexto da interpretação feita pelos padrões sócio-culturais outra variável: a feminilidade associada aos cabelos longos. Enquanto variável

¹⁷CALDWELL (2007).

construída em cima de diferenças culturais de gênero, ela atrela à mulher negra a figura de um ser feminino, que exerce parte de sua sensualidade através do manejo com os cabelos compridos. Sobre isso, Lody¹⁸ fala que na mitologia africana, assim como na européia, o ser fantástico feminino que habita as águas e seduz os homens para fora das embarcações, colocando-os em perigo, é sempre representado com cabelos longos e acessórios para penteá-los e/ou enfeitá-los. Os cabelos longos compõem nessas representações o significante do poder.

Eu tava fazendo cursinho pro vestibular, no Objetivo. Foi um semestre sem as tranças e um semestre com as tranças. Eu comecei a usar tranças em julho de 96. E era assim: “é uma outra pessoa”, “É uma outra mulher” e realmente era muito diferente. (Ana Carolina - respondendo sobre como foi quando começou a usar tranças longas)

6 Considerações

Os referenciais do que é o belo, bonito e desejável para uma estética negra se constroem a partir das interações sociais e se dão de maneira relacional com a estética branca como explica o autor Jocélio Santos:

*Uma matéria publicada no *Jornal de Brasília* em 13 de maio de 1989 revela as relações simbólicas que marcam a idéia e a criação de uma estética negra. Apesar de implícito, o tema recorrente é o da diferenciação da tez branca e negra amparada no aspecto simbólico da naturalidade. (...)transparece o fato de que as singularidades da beleza negra estariam circunscritas a um estilo afro "autêntico" e estilizado com o objetivo de valorizar o "tipo físico"(...) o que está subjacente nele é uma caracterização das diferenças entre os traços físicos de mulheres brancas e negras...(SANTOS, 1999, p. 5)*

A caracterização de uma estética negra acontece a partir da apresentação de elementos naturais fenotípicos que remetem a uma ancestralidade africana, os cabelos crespos, a epiderme escura, traços do rosto, até formatos de corpos são enxergados como elementos identificadores da beleza do sujeito negro, essa beleza se contrapõe, segundo Santos¹⁹, à beleza ocidental e representa “fragmentos da política, da estética e da moda do mercado”. Em reflexões sobre como a estética negra é construída, o autor fala como foram associadas à estética negra do mercado de cosméticos referenciais de belo que estão diretamente ligados à naturalidade e à autenticidade dos traços fenotípicos de negritude. Para o autor essa naturalidade construída é a da exotividade, é a naturalidade das cores fortes e berrantes nas maquiagens e da total diferenciação desta da estética ocidental e anglo-saxã para enquadramento em cenários específicos de naturalidade quase “primitiva”. Uma das colaboradoras desse artigo, ao relatar a sua própria experiência de usar o cabelo crespo ao natural, sem nenhum processo químico, disse:

... o cabelo crespo tá na moda, querendo ou não tem essa coisa do étnico, as pessoas colocam muito nesse sentido de valorização do étnico, do exótico. Sei que muita gente continua me achando bonita, não por achar a estética negra bonita, mas porque entra naquela coisa da beleza étnica. (Ana Carolina)

Já para a construção do sujeito negro politizado, os referenciais de beleza negra também estão associados à naturalidade, mas para atestar que possuir traços fenotípicos de negritude é se mostrar como diferente dentro da sociedade e assumir o papel de agentes resistentes aos

¹⁸ LODY, (2004), p. 77.

¹⁹ SANTOS (1999), p.2.

processos de neutralização e exotização dessas diferenças. A mesma colaboradora fala logo em seguida ao trecho transcrito acima:

(...)Mas eu não estou ligando. Pra mim é libertador porque realmente eu tinha me tornado uma escrava das tranças, de me envergonhar do que eu era de fato e agora eu poder me mostrar do jeito que sou é como se tivesse tirado uma máscara, um peso assim nesse sentido. (Ana Carolina)

As tranças ocupam também esse lugar de associar a imagem do sujeito a uma auto-estima fortalecida numa ancestralidade negra. Para as mulheres, além de criar o vínculo com a historicidade negra de suas identidades, elas trazem o elemento da feminilidade que é associada aos cabelos longos em culturas diversas. Sobre isso Lody²⁰ aponta algumas divindades africanas que tinham suas imagens descritas como sensuais a partir do manejo com longos cabelos²¹.

Mecanismos de combate e resistência à constante opressão e neutralização dos negros e negras na sociedade brasileira constituem parte da história de luta e construção de alternativas para a sobrevivência dessa população. Para as mulheres negras, as estratégias passaram pelo resgate do domínio sobre os seus próprios corpos, que tem, constantemente, que ser reiterado, e também passou pela adaptação de elementos estéticos que permitissem a sua existência dentro dos padrões ocidentais. A politização das identidades através da estética também perpassa a construção dos corpos das mulheres negras, as tranças longas, para além de conferir um aspecto de feminilidade ao corpo da mulher negra desumanizada, trazem embutidas a reelaboração da auto-estima a partir de referenciais coletivos de identificação com uma história africana.

²⁰ LODY (2004).

²¹ Algumas das deusas citadas: Iemanjá, Oxum e sereias negras angolanas não nomeadas pelo autor que atraíam os homens para as águas assim como na mitologia de origem européia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDWELL, Kia Lilly. **Negras in Brazil: re-envisioning black women, citizenship and the politics of identity.** New Jersey: Rutgers University Press, 2007.

COLLINS, Patrícia Hills. **Black Feminist thoughts: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment.** 2ª ed. New York: Routledge, 2000. 335 p.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 323 p.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.** São Paulo: Ed 34, 2001. 432 p.

GRUPPI, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel: As concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci.** Porto Alegre: L & PM, 1980. 93 p.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano.** Isis Internacional, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005. 102 p.

HOOKS, Bell. **Black looks: race and representation.** Boston: South and Press. 1922.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. **Corpo negro na cultura visual brasileira.** Educação Africanidades Brasil, v.1, Brasília: CEAD, 2006, pp. 185-191.

KHOURY, Yara Aun. **Narrativas orais na investigação social.** Projeto História, n.22, São Paulo: EDUC, 1981, pp.79-103.

LODY, Raul Giovanni da Motta. **Cabelos de axé: identidade e resistência.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004. 136 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova guiné melanésia.** São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p. (Pensadores(os); v.43)

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Introdução à história da África.** CEAD, 2006. 18 p. (Educação Africanidades Brasil)

SEGATO, Rita Laura. **Mulher Negra = Sujeito de Direitos: e as Convenções para a Eliminação da Discriminação.** AGENDE, 2006. 104 p.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O Negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos.** Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v.38, 2000. p. 49-65.